

APRESENTAÇÃO

Ao convocar vozes para falar a partir de Luís de Camões, algo se mobiliza no universo das pessoas que leem a literatura em língua portuguesa, a nossa, e escrevem sobre ela, afinal, em língua portuguesa. Camões é um motor, talvez o mais potente que conhecemos, dentro da língua que ele ajudou a criar. Portanto, Camões é mais que um autor, um ator ou um nome à frente do qual se estabelece uma obra; Camões é, por assim dizer, um enorme texto mas um potente pretexto, e pós-texto, com que, em que, contra que podemos abrir boca e fala. E falha. Não sabemos se é absurdo mas Camões é um mestre, sobretudo, do erro. Por isso é que a elaboração de um supra-Camões é tão difícil – não é difícil superar ou não o poeta, mas talvez não haja nada a superar; por isso é que Camões é um poeta moderno, contemporâneo mesmo: ele é muitos, ele é quase qualquer um.

Este número camoniano da *Abril*, que conta com o apoio do Centro Interuniversitário de Estudos Camonianos, dá à luz muitas caras do poeta, inclusive a que escreveu uma quinta carta que muitas legibilidades abre; também joga o vate no convívio e no remoinho de ser tópico, objeto, companheiro de outras vozes. Aqui, diversas pesquisas em língua portuguesa, com variados sotaques, propõem uma miríade de entradas no universo Camões, tão da gente, tão dos trópicos como os “reinos da estupidéz” encenados por dois brasileiros de nome Melo (ou Mello) Franco, separados por dois séculos de distância. Há aqui, neste volume, as dobras que permitem, n’*Os Lusíadas*, o sagrado encontrar a animalidade e o jogo transformar a arma da guerra no amar do verbo – e o desdobrar de um movimento assim lúdico rumo a uma contemporaneidade adepta do jogar jogo, caso das obras romanescas de Mário Cláudio e Lobo Antunes e do teatro de Natália Correia; há aqui a tangência de uma ideia de descoberta cheia de desengano com uma poética amorosa eivada de trovadorismo, mas plena da dúvida maneirista – que, de certo modo, chega ao Frederico Lourenço que desvela o homoerotismo camoniano; há aqui o Camões pensador com pendores ensaísticos e o fazedor de um soneto musical, como o de alguns contemporâneos e, muito depois, o de Glauco Mattoso.

Uma poética só vive, se desenvolve, no tempo, especialmente outros tempos. É por isso que Camões ainda interessa, seja aos “poetas sem qualidades”, seja à tentativa de ser tão melancólico como *Os Lusíadas* posta em cena por um autor como Gonçalo M. Tavares. Apenas para efeitos de organização, distribuimos os ensaios da seguinte maneira: primeiro, os que leem a obra camoniana diretamente; como *intermezzo*, um diálogo entre Camões e a poesia ibérica do XVI; enfim, numa parte final, os textos que põem o poeta em interlocução franca, ou mesmo na condição de personagem, dentro do contexto das literaturas portuguesa e brasileira, desde o século XVIII até o XXI.

Camões, que se definiu como eterno peregrino, viajante de olhos bem abertos para “nações, linguages e costumes,/Céus vários, qualidades diferentes”, tem sido, na sua dimensão canónica, ao longo de séculos, um traço de ligação entre gerações. De um ou do outro lado do mar, tem sido fator de comunhão e motivo de partilha. Falamos português, e tanto basta para que o Atlântico una o que é distante.

“Só para meu amor é sempre Maio” – disse o poeta, celebrando o infinito. Mote perfeito para o que agora se apresenta: leitura viva da palavra que o tempo não consome.

Luis Maffei (UFF)

Isabel Almeida (Universidade de Lisboa)

(Organizadores)